

ARQUIVO DE MEMÓRIAS : fragmentos de histórias de vida sobre os 30 anos do
Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria

PEDRAZZI, Fernanda Kieling

Autora e Apresentadora

Professora do Departamento de Documentação da UFSM/RS

SILVA, Rosani Beatriz Pivetta da

Autora

Professora do Departamento de Documentação da UFSM/RS

1 Introdução

O Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria foi criado pelo Parecer no 179/76 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSM, em 10 de agosto de 1976. Porém, segundo Castanho et al (2002, p. 27) “sua instalação deu-se em março de 1977 com oferecimento de 25 vagas anuais e quatro habilitações: Arquivos Empresariais, Arquivos Escolares, Arquivos Históricos e Arquivos Médicos.” Somente no mês seguinte, em 18 de abril de 1977, foram iniciadas suas atividades, com o ato solene de inauguração do Curso. Na ocasião, foi realizada a aula inaugural proferida pelo professor, arquivista e historiador, José Pedro Pinto Esposel, da Universidade Federal Fluminense, grande incentivador da criação do Curso.

O reconhecimento do Curso só aconteceu cinco anos após a sua criação, no ano de 1981, através da Portaria no 076/81 do então Ministério da Educação e Cultura. A professora Darcila de La Canal Castelan (apud Castanho et al, 2002, p. 29) em 1976, durante o 3º Congresso Brasileiro de Arquivologia realizado no Rio de Janeiro, já adiantava, em sua comunicação, que Universidade Federal de Santa Maria se propunha a criar, no ano seguinte, o Curso de Graduação em Arquivologia, dando “grande contribuição à formação dos profissionais de Arquivologia, ou seja, da Arquivística”.

Da década de 1970 até nossos dias, grande foi a transformação do Curso de Arquivologia da UFSM e do panorama arquivístico no Brasil. Com o trabalho de professores e técnicos administrativos o Curso cresceu e no ano de 2007 alcança 30 anos de atividades voltadas para a comunidade.

O presente artigo tem como objetivo comunicar o andamento do trabalho de pesquisa que tem como proposta revisitar histórias e memórias de pessoas que estiveram

envolvidas na concepção e desenvolvimento do Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria em seus 30 anos. Pretende-se, a partir deste trabalho, elaborar uma publicação contendo a visão dos entrevistados sobre o Curso, seus olhares sobre o passado, fazendo com que fragmentos de vivências de cada um auxiliem a desenhar o que a coletividade realizou.

2 Objetivos

O Objetivo Geral do trabalho de pesquisa “Arquivo de memórias” é o de revisitar histórias e memórias de personagens envolvidos na concepção e desenvolvimento do Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria, em seus 30 anos. Entre os seus Objetivos Específicos estão: (a) selecionar bibliografia sobre o Curso de Arquivologia da UFSM, dando ênfase à história da formação da graduação na Instituição; (b) elaborar pesquisa preliminar junto aos professores e técnico administrativos do Curso de Arquivologia e Departamento de Documentação para levantar nomes de pessoas que possam ser entrevistadas para o desenvolvimento do projeto; e (c) registrar em diferentes suportes as histórias e memórias sobre os 30 anos de existência do Curso de Arquivologia, elaborando uma publicação comemorativa.

3 Justificativa

A investigação “**Arquivo de Memórias**: fragmentos de histórias de vida sobre os 30 anos do Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria” foi proposta a partir da observação da importância dos relatos individuais na composição de uma dimensão coletiva da criação e desenvolvimento de um curso de graduação em Arquivologia. Com base nesta constatação, tornou-se imperativa a necessidade de registrar a versão dos participantes da história da criação e da trajetória do Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria ao longo de seus 30 anos.

Com este trabalho, os atores sociais da história da Arquivologia da UFSM, professores, técnico-administrativos, egressos, alunos e comunidade universitária passam a ser vistos como fontes históricas, protagonistas e testemunhas do tempo em que o Curso está em atividades.

Será utilizada, para tanto, a técnica da história oral para colher estes depoimentos. O Curso de Arquivologia da UFSM não possui ainda nenhum registro desta natureza, o que indica o caráter inédito do trabalho, sendo importantíssimo o seu desenvolvimento para a preservação da memória de sua história. MONTENEGRO (1994, p. 16) revela que “à medida que depoimentos populares são gravados, transcritos e publicados, torna-se possível conhecer a própria visão que os segmentos populares têm das suas vidas e do mundo ao redor”. Assim sendo, esta é mais uma forma de adentrar nas verdades particulares de cada indivíduo que, por sua vez, auxiliar na composição do imaginário coletivo.

Este trabalho justifica-se pela importância social de auxiliar a reconhecer e resgatar a história que não é contada, que extrapola o discurso convencional e oficial, oferecendo oportunidade aos entrevistados de elegerem os seus critérios para destacar o que para si é relevante em sua história pessoal em relação a um cenário, neste caso o Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria. Esta pesquisa torna-se fundamental como meio de contribuir para a comunidade universitária da UFSM no que tange a preservação da memória de seu passado, e uma experiência ímpar para as pesquisadoras.

4 Revisão de Literatura

4.1 A criação do Curso de Arquivologia da UFSM

O livro “Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria: vinte e cinco anos de história (1977-2002)” de autoria das professoras Denise Molon Castanho, Eneida I.S. Richter e Olga Maria Correa Garcia apresenta uma retrospectiva histórica do Curso de Arquivologia no período compreendido entre 1977, ano de sua implantação, até 2002, quando a obra foi publicada.

A obra retoma esta história com base na literatura arquivística e nos documentos legais que se referem a atividade administrativa e acadêmica do Curso, da qual foram buscadas informações preliminares.

De acordo com esta obra, a Universidade de Federal de Santa Maria teve sua origem na chamada Universidade de Santa Maria, criada por José Mariano da Rocha Filho em 1960 pela Lei n.º 3834-C de 14 de dezembro daquele mesmo ano. Na nova universidade, a primeira a instalar-se em uma cidade do interior do Brasil, funcionavam faculdades já existentes (como a Antiga Faculdade de Farmácia de Santa Maria, de 1931), e ainda outras faculdades, criadas posteriormente.

Pouco mais de cinco anos depois de sua criação, em 20 de agosto de 1965, a Universidade de Santa Maria foi federalizada pela Lei n.º 4759/65, passando a denominar-se Universidade Federal de Santa Maria, ou UFSM. Em 1970, a UFSM passou por uma reestruturação, regulamentada pelo Decreto n.º 66.191/70 de 06 de fevereiro de 1970 visando racionalidade administrativa e acadêmica. Assim, foram criadas oito unidades de ensino, formadas por cursos e departamentos, novos órgãos foram instituídos e outros transformados.

No ano de 1977, foi instalado o Curso de Arquivologia da UFSM, fazendo parte do então Centro de Ciências Jurídicas, Econômicas e Administrativas (CCJEA). Em 1978, através do Estatuto da UFSM, os Centros de Ensino foram reestruturados sendo que o Centro de Ciências Jurídicas, Econômicas e Administrativas passou a denominar-se Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH), no qual foram criados novos departamentos e cursos. Também em 1978 foi criado o Departamento de Documentação, que atende, especialmente, ao Curso de Arquivologia com as atividades de seus docentes em disciplinas técnicas profissionalizantes.

De 1989 a 1996, o CCSH experimentou transformar os cursos e departamentos em faculdades e institutos, sendo que nesse período foi instituída a Faculdade de Arquivologia, tendo como representantes o diretor e o vice-diretor da Faculdade.

Desde sua criação, em 1960, houve algumas evoluções na sua estrutura da UFSM, que atualmente conta com cursos e departamentos, seja com criações, transformações ou extinções de órgãos.

4.2 A aplicação da técnica da História Oral

A história contada por depoimentos orais é uma das mais antigas formas de revisitar o passado. Antes mesmo da invenção da escrita, era através dos relatos que os homens passavam as informações adiante, disseminando experiências, levando os fatos

mais importantes do dia-a-dia ao conhecimento de diferentes gerações e formando, assim, uma cadeia de comunicação.

Hoje a história oral tem como objeto a preservação da memória, como uma forma de reconstruir o passado, porém é tida como técnica na qual se torna viável o registro de entrevistas, realizadas, especificamente para este fim.

MONTENEGRO (1994, p. 10) salienta que “o tempo histórico não é o tempo vivido. A história escrita, documentada, distingue-se do acontecido; é uma representação. E neste hiato entre o vivido e o narrado localiza-se o fazer do próprio historiador”. O diálogo estabelecido entre as partes, entrevistador e entrevistado, permite que a versão dos acontecimentos e da história forme uma colcha de retalhos quando em conjunto com outros olhares e visões. É o que o autor chama de “multiplicidade de intersecções”.

Esta visão particular dos fatos deverá ajudar a dar uma amplitude maior ao que se conhece como verdade até aqui, recuperando as vivências de pessoas que foram, sim, presentes na história mas que muitas vezes são renegadas ao esquecimento. E mais importante: esta amplitude será dada pelos próprios agentes desta história.

A capacidade de narrar uma história, um fato, uma experiência ou mesmo um sentimento está associada a dois fatores: por um lado, à descrição dos detalhes dos elementos que são projetados, de forma tão viva e rica que se assemelham a um quadro que vai sendo redesenhado as nossas vistas; por outro, à capacidade de recuperar o lado imaginário do que era vivenciado individual e coletivamente em relação ao acontecimento narrado. (MONTENEGRO, 1994, p. 152)

No entanto são muitas as dificuldades em revisitar a memória. Os problemas têm início no convencimento do personagem da história relatar a sua visão dos fatos. AUGRAS (1997, p.31) fala de um “jogo preliminar de negociações” no qual, primeiro deve-se “conseguir a anuência da pessoa e marcar a entrevista”. De acordo com a autora, há uma questão implícita para o entrevistado: “O que eu vou ganhar com isso?”, sendo que sua resposta para isso seria “somos nós que ganhamos” e por isso são necessárias estratégias para atingir o objetivo.

MONTENEGRO (1994, p. 22) afirma que “o processo de rememoração se torna, muitas vezes, mais rico quando o caminho da abordagem se faz através de um processo diversificado de lembranças” sendo fundamental que o entrevistador tenha esta percepção.

A narrativa de memórias e lembranças após registrada e transcrita torna-se mais uma fonte de consulta para as ciências sociais e humanas, possibilitando uma ampliação das possibilidades de pesquisa a partir das diversas visões, auxiliando a reconstituir um contexto localizado no tempo e no espaço.

Segundo ABREU (1997, p. 195) “hoje o conceito de fonte se ampliou, e a idéia de que elas foram produzidas ao longo do tempo se completa com a aceitação de que o historiador constrói também as suas fontes”. A autora complementa a idéia explicando que a “reconstrução do fato ou a narração do acontecimento deve , dentro do contexto em que foi produzida, ter um *sentido*, e este deve ser buscado em outras fontes escritas, orais, em outros traços, vestígios, que anunciam ou dão sentido aquele enunciado”

MONTENEGRO (1997, p. 198) corrobora com o ponto de vista de ABREU dizendo que “os depoimentos orais caracterizam-se como parte dos recursos documentais que o historiador pode recorrer sem, com isso estabelecer uma outra disciplina”.

Mas HALL (in: ALMEIDA DOS SANTOS, http://www.pr.gov.br/arquivopublico/pdf/palestra_fontes_orais.pdf) nos lembra que a história oral está longe de ser uma história espontânea. Para HILL ela não é a experiência vivida em estado puro e por isso devemos ser críticos ao que temos a nossa frente quando do recebimento de uma transcrição de um depoimento, por exemplo.

5 Metodologia

Para efetivação do projeto está sendo realizada uma pesquisa documental pois “... vale-se de materiais que não receberam ainda tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 1994, p. 51) por isso, desde abril de 2006, o trabalho tem seguido os seguintes passos metodológicos, a seguir enumerados: (1)seleção de bibliografia e demais documentos que registram a história do Curso; (2)definição dos sujeitos colaboradores da pesquisa que contarão a trajetória de 30 anos do curso de Arquivologia da UFSM ; (3)registro das histórias e memórias dos personagens em diferentes suportes, a partir dos pressupostos da história oral; e (4)de posse das informações coletadas, serão escolhidos o suporte de registro da história que compõe a trajetória dos 30 anos do Curso.

Para trabalhar a técnica história oral, também chamada de Método Biográfico, prevista para o mês de agosto de 2006, será usado como exemplo de metodologia e o roteiro didático utilizados pelo Laboratório de História Oral (LAHO) do Centro de Memória da Universidade de Campinas, São Paulo. De acordo com as informações constantes no site www.centrodememoria.unicamp.br/laho são 11 os principais passos que vão desde a elaboração de um roteiro orientador para a coleta do depoimento até a elaboração do relatório final de pesquisa.

6 Resultados alcançados e esperados

Tendo tido início no mês de abril de 2006, o trabalho está em fase inicial sendo que o mesmo será desenvolvido até o mês março de 2007. Até o momento já foram iniciadas as atividades de revisão de bibliografia e de levantamento dos nomes das pessoas a serem entrevistadas, sendo que o contato com os entrevistados, agendamento das entrevistas e realização das entrevistas serão realizados nos meses de junho, julho e agosto, respectivamente.

Espera-se que com este trabalho possa ser dada uma contribuição para a memória social do Curso de Arquivologia, para a Universidade Federal de Santa Maria e para a comunidade de Santa Maria/RS, valorizando o papel daqueles que participaram dos 30 anos do Curso, representando a realidade histórica e temporalmente julgada por se tratar de um objeto social.

Também é intenção que se consiga ampliar o acervo fotográfico do Curso, a partir doação de fotografias ou do empréstimo para digitalização por parte dos entrevistados, contando fatos marcantes de sua história. Estas fotos serão utilizadas para compor o relatório final do projeto e, possivelmente, ilustrarão a publicação que finaliza este projeto.

Como resultado final, deverá acontecer a publicação de um livro sobre o tema “30 anos do Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa” que será lançado durante as comemorações dos 30 anos do Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria, em março de 2007.

7 Conclusões

A pesquisa “Arquivo de memórias” é fundamental como meio de registrar a história do Curso de Arquivologia, tratando, neste trabalho, especificamente das lembranças e experiências vividas por cada um dos atores envolvidos em sua trajetória, nos últimos 30 anos. Estas histórias únicas, relatadas por seus protagonistas, devem ser preservadas e compartilhadas, o que garantirá a sua participação na história de seu grupo e de sua comunidade e resultará em uma contribuição para as investigações e os estudos sobre a temática da Memória.

8 Bibliografia

ABREU, Alzira Alves de. Jornalista: duplo anonimato. IN: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (org) **Os desafios contemporâneos da história oral**. Campinas, SP: CMU/Unicamp, 1997.

ALMEIDA DOS SANTOS, Antonio Cesar de. **Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história**. http://www.pr.gov.br/arquivopublico/pdf/palestra_fontes_orais.pdf. Acesso em 24/10/2005.

AUGRAS, Monique. História oral e subjetividade. IN: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (org) **Os desafios contemporâneos da história oral**. Campinas, SP: CMU/Unicamp, 1997.

CASTANHO, Denise Molon et al. Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria: vinte e cinco anos de história (1977-2002). Santa Maria, UFSM, 2002.

DICIONÁRIO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA. Rio de Janeiro: Arquivo nacional, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

CENTRO DE MEMÓRIA DA UNIVERSIDADE DE CAMPINAS, UNICAMP. Site www.centrodememoria.unicamp.br/laho_ Acessado em 25/04/2006.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1994.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral e interdisciplinaridade. A invenção do olhar. IN: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (org) **Os desafios contemporâneos da história oral**. Campinas, SP: CMU/Unicamp, 1997.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Projeto Político-Pedagógico do Curso de Arquivologia (CCSH), 2004.

RABAÇA, Carlos Alberto. & BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.